



Primórdios da Filosofia em Sergipe

No Brasil do século XIX e início do século XX a filosofia possuía traços peculiares assemelhados àqueles próprios da erudição e do diletantismo, sem que um aspecto mais científico lhe ocupasse as preocupações. Segundo João Cruz Costa, no clássico *A filosofia no Brasil*, marcada pela europeização, a inteligência brasileira do *Oitocentos*, não parece ter atendido, ao menos de início, às realidades que se lhe deparavam.

As criações desse período resumem-se, em sua maioria, a diatribes ou então apologias, compilações, etc. Ao sabor da importação do livro estrangeiro, da última novidade chegada da Europa, marchou, no século XIX, a nossa filosofia, cujos arautos equiparavam-se a meros expositores de pretensões nunca justificadas.

Quanto a Sergipe, a história da recepção das ideias filosóficas nos permite identificar, no exercício intelectual aqui desenvolvido, que a atividade filosófica é de pouca monta e vincula-se, da mesma maneira que a expressão nacional de boa parte do *Oitocentos* e do início do *Novecentos*, a certa expressão letrada ordinária.

O labor filosófico reflete esse quadro e aparece sem grande investida, como é constatado pela dificuldade no provimento das pouquíssimas cadeiras de filosofia abertas nas cidades mais importantes da província (São Cristóvão, Estância, Laranjeiras, Aracaju).

Malgrado Sergipe ter muitos de seus filhos em grande destaque na cena cultural do Brasil do século XIX (Tobias Barreto, Sílvio Romero, Manoel Bomfim, João Ribeiro, Florentino Menezes, Hermes Fontes, Felisbelo Freire, etc.), os mesmos frequentaram os estudos em nível superior fora do estado e são responsáveis por fecundas tentativas de renovação das ideias em solo brasileiro.



SAIBA MAIS



Antigo prédio do Colégio Atheneu Pedro II
Fonte: Biblioteca Digital Luso - Brasileira

